

# AS “NOVAS GUERRAS” DA DÉCADA DE 1990\*

LUCIANO CALIXTO DE ALMEIDA JUNIOR\*\*  
Capitão de Fragata

---

## SUMÁRIO

Introdução  
As múltiplas transformações e as “novas guerras” da década de 1990  
Conclusão

## INTRODUÇÃO

Muitos teóricos da Sociologia, como o francês Julien Freund (1921-1993), defendem que o conflito é um fenômeno inerente a toda sociedade e que é impossível eliminá-lo de forma absoluta ou definitiva (FREUND, 1995, p. 34). No contexto das Relações Internacionais, o realismo clássico de Thomas Hobbes (1588-1679), conforme analisa Pecequillo (2004, p. 118), converge para essa mesma

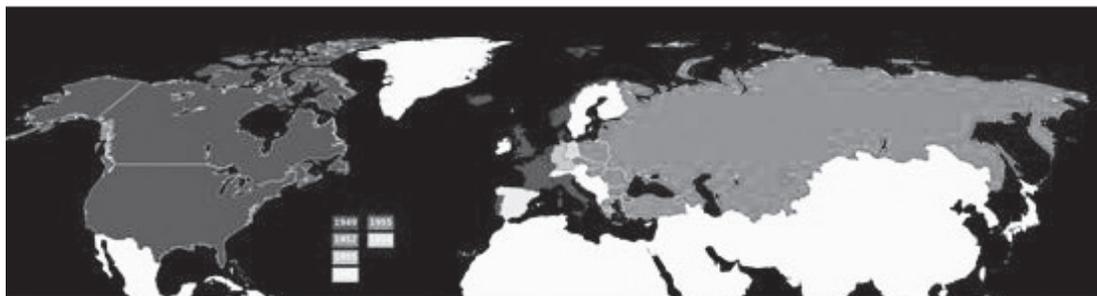
situação de conflito permanente, como resultado de um cenário de guerra de todos contra todos, no qual os indivíduos vivem em um estado de competição e de disputa constante. Constata-se que os conflitos permearam a história da humanidade e estiveram presentes em todas as sociedades, em diferentes formas, circunstâncias e magnitudes.

Em que pese estas teorias retratarem a perenidade dos conflitos, seus encerramentos ensejam transformações em

---

\* Adaptação da monografia apresentada pelo autor na Escola de Guerra Naval, em 2016.

\*\* Assessor de Meio Ambiente e Ciência e Tecnologia da Diretoria-Geral de Navegação.



Países membros da OTAN (cinza escuro) e do Pacto de Varsóvia (cinza claro)

distintos graus, aspectos e abrangências, que podem alavancar, nas sociedades, um sentimento de esperança de manutenção da paz. Um inegável exemplo desta constatação ocorreu com o fim da Guerra Fria (1947-1989), período caracterizado pela disputa ideológica entre as duas potências hegemônicas da época, os Estados Unidos da América (EUA), com seu sistema capitalista, e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), com seu regime comunista, e que redefiniu a ordem mundial, em face desta estrutura bipolar de poder. Apesar de ter sido marcada por uma constante e elevada tensão, motivada por uma corrida armamentista que beirou o caos nuclear, a Guerra Fria chegou ao seu fim de forma pacífica, e isso criou percepções de que a guerra deixaria de ser utilizada como um instrumento habitual da política e de que o mundo alcançaria, então, a paz definitiva (PECEQUILO, 2004, p. 174).

**O esgotamento do comunismo como ideologia levou ao fim da URSS (1991), gerando redefinições no mapa-múndi e alçando os EUA à posição de única superpotência**

O que se viu, entretanto, foi uma década seguinte repleta de “novas guerras”, eivadas de lógicas difusas que variaram, em maior ou menor grau, entre questões econômicas, políticas, culturais e étnicas, tais como as ocorridas na ex-URSS, na ex-Iugoslávia e na África.

O esgotamento do comunismo como ideologia levou ao fim da URSS (1991), gerando redefinições no mapa-múndi e alçando os EUA à posição de única superpotência restante. Esta reestruturação do equilíbrio de poder mundial, que passou a ser unimultipolar<sup>1</sup>, caracterizou, por si só, uma relevante transformação pós-conflito. De fato, o fim da Guerra Fria foi determinante para o início de uma era de múltiplas transformações, pois a partir deste momento houve um impulso para o crescimento da interdependência, da transnacionalização e, principalmente, da globalização, além de criar condições para uma revolução técnico-científica<sup>2</sup>.

1 Refere-se a um arranjo misto no qual os EUA possuem superioridade diante das demais potências, passando a desempenhar papel de administrador do cenário mundial (PECEQUILO, 2004, p. 124-125).

2 Também conhecida como Terceira Revolução Industrial (VESENTINI, 2008, p. 28).



Mikhail Gorbachev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, e Ronald Reagan, Presidente dos Estados Unidos, assinando o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário na Casa Branca, em 1987

O propósito deste trabalho é, portanto, analisar a inevitabilidade dos conflitos em uma era de múltiplas transformações, adotando a moldura temporal da década de 1990, a primeira a ser influenciada pelo legado da Guerra Fria. Com base no estudo dos conflitos ocorridos neste período, contextualizados pelas relevantes diacronias que se refletiram nos campos político, econômico, tecnológico, social e cultural, pretende-se responder à seguinte questão: “No mundo de múltiplas transformações da primeira década do pós-Guerra Fria, os conflitos são inevitáveis?” A próxima seção do texto analisará, então, os acontecimentos deste período, visando ao embasamento das conclusões que serão apresentadas na última seção.

## AS MÚLTIPLAS TRANSFORMAÇÕES E AS “NOVAS GUERRAS” DA DÉCADA DE 1990

O desfecho pacífico da Guerra Fria representou um relevante fomento à democracia e ao liberalismo econô-

mico, com o consequente incremento da interdependência e da transnacionalização. Isto causou grandes mudanças no sistema internacional, pois, segundo Pecequillo (2004, p. 173), passou a haver maior influência dos atores privados e de organismos internacionais nas relações diplomáticas, concomitantemente com a consolidação dos EUA como única potência hegemônica.

Esta reformulação da ordem mundial e o fortalecimento da interação de atores não estatais também foram acompanhados por uma revolução técnico-científica, que, por sua vez, potencializou o processo conhecido por globalização, em face dos substanciais avanços nos campos da tecnologia da informação, da comunicação e do processamento de dados. Segundo Kaldor (1999, p. 3), houve uma intensificação da interconectividade global nos campos político, econômico, militar e cultural.



Interconectividade dos novos atores pós-Guerra Fria

Neste contexto de confluente transformações pós-Guerra Fria, ocorreu o favorecimento dos atores menores no cenário mundial, em detrimento dos grandes atores, em especial os Estados (VESENTINI, 2008, p. 41). Os principais fluxos intensificados e dinamizados pela globalização e pelos progressos tecnológicos em áreas como comunicações, finanças e transporte proporcionaram o incremento das Forças Transnacionais (FTs)<sup>3</sup>, uma categoria de atores não-estatais, de origem privada. Por sua vez, alguns Estados sofreram um declínio de suas soberanias na década de 1990, em consequência do mundo mais globalizado e de mudanças relevantes na política internacional (VESENTINI, 2008, p. 70).

Com a retirada do “véu” da Guerra Fria, esta erosão da autonomia dos Estados, somada à interconectividade global e ao crescimento das FTs, cria um cenário favorável para um novo arranjo de atores internacionais: por um lado, preocupados com direitos humanos e manutenção da paz, estavam as agências internacionais, as Organizações Não Governamentais (ONGs), os *think-tanks*<sup>4</sup> globais e a mídia internacional; do outro lado, promovendo a privatização da violência, estavam os grupos mercenários e paramilitares, as redes de crime organizado, os vendedores estrangeiros de armas, entre outros. Por conseguinte, conforme analisa Kaldor (1999, p. 4-5), percebe-se a quebra do monopólio legítimo da violência organizada pelos Estados e uma imprecisão na distinção entre o combatente e o não combatente, entre o soldado ou policial e o criminoso, entre a barbárie externa e a civilidade doméstica. Surgem, portanto, as “novas guerras” que

[...] envolvem um aspecto confuso na distinção entre guerra (usualmente definida como violência entre Estados ou grupos políticos organizados, por motivos políticos), crime organizado (violência empreendida por grupos organizados de forma privada por propósitos privados, geralmente ganho financeiro) e violações em larga escala de direitos humanos (violência empreendida por Estados ou grupos politicamente organizados contra indivíduos) (KALDOR, 1999, p. 2, tradução e grifo nossos).

Em que pese o início da década de 1990 ter sido contaminado por uma ideia otimista a respeito da solução dos problemas mundiais, de fato o que se constatou foi a deflagração destas “novas guerras” definidas por Kaldor, cujas causas estavam diretamente relacionadas à erosão da legitimidade da autoridade política dos Estados e ao fortalecimento de outros atores, que se favoreceram dos impactos da globalização e das heranças da Guerra Fria. São exemplos as guerras civis na Geórgia (1991-1993) e na Somália (1991), os conflitos na Ossétia do Sul (1991-1992), na Abcásia (1992-1993), na Bósnia-Herzegovina (1992-1995), em Ruanda (1994) e no Kosovo (1998-1999).

Tais conflitos apresentaram características comuns que foram moldadas pelas transformações mundiais ocorridas na década de 1990. Seus propósitos deixaram de ser geopolíticos ou ideológicos e passaram a ter caráter universalista e multicultural, em consequência de uma onda de exclusão, em geral por motivos étnicos e culturais, que refletiam divergentes políticas de identidades, em âmbitos local e global, nacional e transnacional (KALDOR, 1999, p. 6-7).

3 As FTs podem ser: Organizações Não Governamentais (ONGs), empresas multinacionais, grupos diversos da sociedade civil ou opinião pública (PECEQUILO, 2004, p. 72).

4 Organizações de pesquisa política que têm significativa autonomia do governo e dos interesses sociais (MCGANN; WEAVER, 2002, p. 5, tradução nossa).



Guerra Civil na Somália (1991)



Conflito em Ruanda (1994)

Outra característica marcante destes novos conflitos envolve a forma em que as lutas eram travadas, pois se desviavam do tradicional método de batalha entre forças militares à medida que uma variedade de atores privados engajava-se na violência. Esta privatização da violência levou a um dramático aumento de vítimas civis, bem como do número de refugiados ou deslocados. Uma explicação para estes resultados, segundo Kaldor (1999, p. 7-8), reside no fato de que um dos objetivos estratégicos destes conflitos passou a ser a erradicação de todos os indivíduos que tinham uma identidade diferente.

Isto significa, portanto, que os conflitos que emergiram ao longo dos anos 1990 não só se diferenciavam dos anteriores na sua gênese, mas também na sua dinâmica.

## CONCLUSÃO

Indubitavelmente, a década de 1990 sofreu grande influência das consequências do fim da Guerra Fria, mas sobretudo foi moldada pela globalização e suas transformações. Entretanto, o crescimento da interconectividade global, em uma era de reestruturação do equilíbrio de poder e

de grandes avanços tecnológicos e científicos, gerou uma ruptura nas distinções entre externo e interno ou entre público e privado. Isto significou que atores externos, tanto internacionais como regionais, e atores não estatais ou privados passaram a competir com os Estados, já que estes cada vez mais perdiam a legitimidade de

sua autoridade política e, com isso, perdiam o monopólio do uso da força.

Neste contexto de descentralização da violência, um mundo multicêntrico composto de atores transnacionais cujos interesses estavam pautados em políticas de identidades conduziu ao surgimento

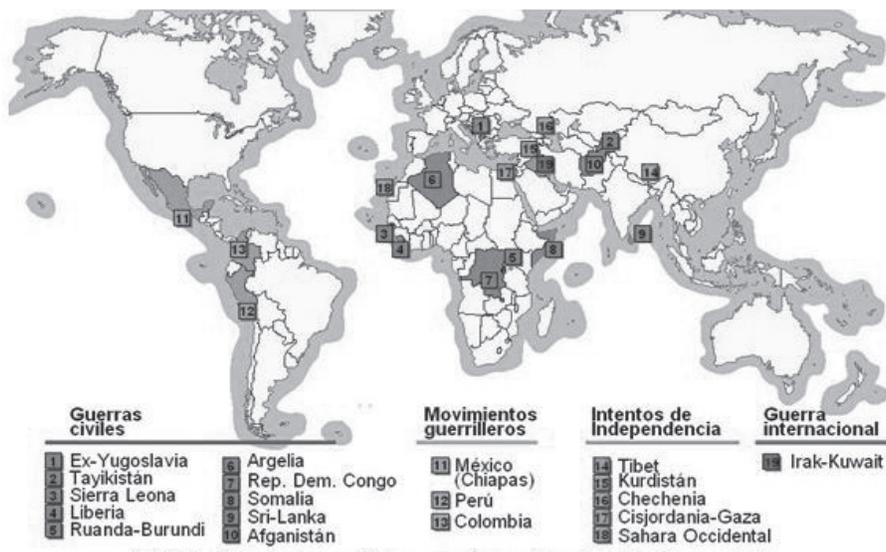
de “novas guerras”, que se diferenciaram das anteriores em notáveis aspectos, tais como suas motivações, seus objetivos e suas formas de combate. Tais conflitos logo frustraram o entusiasmo que havia se espalhado pelo mundo após a queda do comunismo e a correspondente perspectiva positiva de cooperação mundial.

À vista de tudo isto, as múltiplas transformações ocorridas na década de 1990 e o otimismo que elas causaram não significaram a extinção dos conflitos no mundo. Ao revés, tais transformações contribuíram

**A década de 1990 sofreu grande influência das consequências do fim da Guerra Fria, mas sobretudo foi moldada pela globalização e suas transformações**

para o aumento dos conflitos, mesmo que sob formas de concepção e de execução diferentes das consideradas tradicionais. O mundo pós-Guerra Fria não era, portanto,

menos hobbesiano em natureza do que antes, o que reforça a teoria de Freund apresentada no início, que dizia que uma sociedade sem conflitos é algo utópico.



Principais conflitos armados após o final da Guerra Fria

☞ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<GUERRA>; Guerra Fria; Conflitos;

## REFERÊNCIAS

- FREUND, Julien. Sociología del conflicto. Madrid: Ediciones Ejército, 1995. 310 p.
- KALDOR, Mary. New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era. Stanford: stanford University Press, 1999. 206 p.
- MCGANN, James; G. WEAVER, Robert Kent. Think Tanks and Civil Societies: Catalysts for Ideas and Action. Revised edition. New Brunswick and London: Transactions Publishers, 2002. 617 p.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. Introdução às Relações Internacionais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 246 p.
- VESENTINI, José William. Novas Geopolíticas. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. 125 p.